

HELENA LHAMINE, AGRICULTORA

De enxada em punho venci muitas batalhas

SAMUEL UAMUSSE

ENQUANTO uns estão no emprego formal - função pública e sector privado - outros ganham a vida no auto-emprego, nomeadamente em áreas como carpintaria, serralharia, construção, transporte e mecânica ou ainda desenvolvendo pequenos negócios.



Tudo o que sou é graças à enxada - Helena Lhamine

Muitas mulheres que estão no auto-emprego nas cidades de Maputo e Matola preferem dedicar-se à venda de produtos de primeira necessidade, incluindo alimentos confeccionados.

Mas em Muhalaze, posto administrativo do Infulene, município da Matola, há uma mulher que ganha a vida de outra maneira. Helena Lhamine, 82 anos, sobre-

vive à base da enxada.

"Tudo o que sou é graças à enxada. Em toda a minha vida me dediquei sempre à agricultura, nem a guerra foi capaz de me impedir de trabalhar na machamba. Faça chuva, calor ou frio, acordo de madrugada para trabalhar para o meu sustento e dos meus netos", disse Helena Lhamine, em entrevista ao "Notícias".

Na conversa amena que aconteceu na sua machamba, onde se

encontrava a colher amendoim, avó Helena, como também é carinhosamente tratada pelos mais próximos, tratou a chuva como a feiticeira das colheitas e explica-se: a chuva é a principal condição para uma boa produção desde o lançamento da semente, germinação, desenvolvimento até ao produto final. Neste sentido, a boa ou má produção depende da vontade de Deus, porque não se sabe se vai chover ou não.

"A regra do jogo é ganhar ou perder. Estou a explorar vários campos e às vezes perco muito dinheiro devido à seca. Nos últimos dois anos perdi aproximadamente 100 mil meticais em cada época. Mas quando chove consigo fazer grandes colheitas. Nesta época (2016-2017) investi mais de 100 mil meticais, e como a chuva caiu estou consolada, porque vou recuperar dos prejuízos dos anos anteriores. Sempre tem

sido assim, e por vezes as pessoas pensam que tenho poderes sobrenaturais", disse.

Ela explica que na agricultura de sequeiro "quando falta chuva todos perdemos. Quando chove todos produzimos da mesma maneira. As diferenças dos rendimentos entre produtores dependem dos investimentos que cada um faz e dos cuidados culturais que se fazem desde a sementeira até à colheita. Não há práticas obscuras como alguns pensam".

SINTO-ME UMA VENCEDORA

Avó Helena considera-se uma mulher vencedora, porque consegue obter um pouco de tudo para viver condignamente.

Além da agricultura, ela cria aves e vende carvão vegetal a grosso e a retalho. Conseguiu abrir um furo de água para irrigação de hortícolas.

"Eu não conheço o preço de cebola, alface, couve e outros produtos. Para produzir hortícolas, já não dependo da chuva, porque instalei um furo de água. Produzo, consumo e vendo cebola que até sobra para a época seguinte", acrescentou.

Explicou que quando ela e o marido (já falecido) começaram o lar viviam numa casa precária. "Mas hoje tenho uma habitação melhorada e várias dependências. Estou em melhores condições para acomodar todos os meus netos, o que constitui a minha grande alegria".

"Algumas pessoas dizem que sou sortuda, mas não é verdade. A sorte é aquilo que vem do nada, sem sacrifício. É imoral reduzir o esforço de alguém a uma simples sorte. A expressão ideal seria batalhadora, porque para atingir este nível passei por várias experiências amargas e não perdi esperança", considerou Helena Lhamine.

CUIDO DE CINCO NETOS

Durante a conversa, o "Notícias" ficou a saber que Helena Lhamine é mãe de sete filhos e quase todos já constituíram famílias. Mas mesmo assim eles continuam a merecer o apoio da mãe.

Cuida também de cinco netos, um dos quais já casado. "Eu sempre cuidei dos meus netos de igual maneira, em todos aspectos, eles não precisam de apresentar preocupações de dinheiro aos pais. Pelo contrário, responsabilizo-me pelos netos e ajudo os seus pais. É por isso que estou sempre motivada para o trabalho, por saber que tenho uma responsabilidade para com a minha família"- disse.



...e o tempo da colheita chegou